89.100 - BLUMENAU - SC

O ACADEMICU

ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANO II - N° 22 - MAIO DE 1977 - BLUMENAU - S. C. - Cr\$ 3,00

DOIS ANDS MAIS VELHO

1975 & 1977

EDITORIFIL

Seria interessante se pudéssemos ignorar nossas origens; se nascessemos sábios o suficiente para menosprezar os ensinamentos de uma escola ou com inteligência suficiente para sobrepujar-mos e ignorar a família, talvez, pudessemos constituir uma só grande família, então, nosso conceito sobre liberdade se transformaria.

Assim como um pedaço de madeira se transforma em flauta, quando trabalhado; a introspecção de nós mesmos, com os conhecimentos que isso implica, é capaz de transformar o meio em que vivemos.

Nossa presença não é nossa finalidade no

mundo; não estamos sós, esta ignorância de situação é que nos transforma em bestas.

Somos o nosso próprio espelho, cada um carrega em si a solução de seus próprios problemas; a humanidade é o reflexo deste conjunto de espelhos.

O mundo pode ser uma prisão se você despir sua vida de um objetivo e lutar apenas para sobreviver, não importa como, seremos meramente ferramentas abandonadas.

(OLDEMAR OLSEN JR.)

E MAIS CONHECIDO

2

Correspondências

SÃO JOSÉ (SC) estou enviando um conto de minha autoria, "Mata", que autorizo a publicação em O ACADÉMICO.

Dados pessoais: Sou professor da UFSC, casado, com uma tese de Mestrado em Literatura Brasileira e participação na antologia "Assim Escrevem os Catarinenses", da Alfa-Omega, São Paulo, 1976, além de vários contos espalhados em jornais e revistas de SC, RS, PR, SP e

Gostaria muito de receber esse jornal, para acompanhar o movimento que vocês estão realizando aí em Elumenau Obrigado. CLAUCO RODRIGUES COR-PÆA

CURITIBA (PR) - Tendo em vista o trabalho de pesquisa que desenvolvemos sobre es Jornais estudantis, vimos por me'o deste solicitar de V. Sa. os exemplares que não constam em nossa coleção... Outrossim, devenos esclarecer que na ausência de originais, aceitamos coptes serográficas, tenquanto sclicitamos que nos sejam eneaminhados exemplaros relativos aes próximos lançamentos. Sem meis para o momento e certos de contar com a colaboração de V. Sa., apresentamos cordiais cumprimentos, KEY IMACUIRE JR. da Casa Romário Martins.

CANGINHAS (SC) - Parabens por seu trabalho, equire laboriosa de O ACADEMICO. Quero, em especial, agradecer as publicações que tem feito dos poemas que lhes tenho enviado... Nos próximos dias estoremos realizando um trabalho de divulgação dos nossos trabalhos e do que faz em SC no campo as letras, nas Faculdados e Colégios do Planalto Norte Catarinense. O ACA-DEMICO será companheiro de trabalho. Com o abraço amigo, recebam nosso modesto apoio e incentivo. PEDRO A.

JARAGUÁ DO SUL (SC) -... Acs ve Thtes companheiros de "O ACADEMICO", os abraços de AUGUSTO SYLVIO PRODOHL.

CURITIBA (PR) — Muito grato, antes de tudo, pela remiessa do nr. 20 deste prestigioso órgão... Professor J. J.

CURITIBA (PR) - Através do redator e colaborador Carlos E.O. Bastos consegui conhecer esse Jornal que, como expressão da vida Universitária blumenauense, brilha pela sua qualidade e pelo sempre vivo interesse de todo o corpo editorial em mantê-lo em circulação. A parte que mais me surpreende é o CADERNO ES-PECIAL, através do qual é procedida a divulgação das obras literárias de autores diversos dando assim oportunidade às manifestações literárias de pessoas que, se não por esse meio, não conseguiriam demonstrar o seu real valor. HENRI JO-

SEPH COLEMONTS.

FLORIANOPOLIS (SC) Temos a alegria de anunciar o lancamento de MEMORIAS DE UM MENINO POBRE, de Silveira Júnior. Em separado pelo correio estamos enviando um exemplar dedicado e autografado. Esperamos que o referido livro seja do seu inteiro a grado e apreclariamos merecer a sua conceituada e construtiva critica literária. Com esse livro, somamos 23 lançamentos de autores catarinenses, aos quais dispensamos única e exclusivamente a totalidade de nosso apoio. Reafirmando a nossa estima e apreço, subscrevemo-nes desejando-lhe pleno sucesso no exercício das suas funções à frente de O A-CADEMICO. ODILON LUNAR-DELLI, diretor da LIVRARIA e EDITORA LUNARDELLI.

RIO DE JANEIRO (RJ) -Recebi de um amigo escritor a publicação que você, junto a excelente equipe, faz, gostaria de receber também e poder colaborar, solidarizando-me desta forma, com o trabalho, inteligente e sério que vocês fazem nesta aprazível localidade ca tarinense.

Envio o Jornal daqui para tomarem conhecimento, sei se já o fizeram autes. Olha, um abração pra todos aí e até breve. ALFREDO COSTA.

AGRADECEMOS A COR-RESPONDENCIA DO - Colégio D. Pedro II (Blumenau), Cogumelo Atômico (Brusque), Abel B. Pereira.

AGRADECIMENTOS PECIAIS - EDITORA ATICA. EDITORA CIVILIZAÇÃO BRA-SMEIRA, REVISTA FICÇAO, REVISTA ESCRITA, JORNAL DE FATO.

EXPEDIENTE

Jornal O ACADEMICO - Coixa Postal 1124 - 89.100 -Blumenau - SC.

FUNDADORES

Oldemar Olsen Jr., Maria Odete Onório Olsen, Fred Richeter Domingos Sávio Nunes José Luiz Dias de Souza. DIRETOR E REDATOR RESPONSAVEL Oldemar Olsen Jr.

REDATORES

Maria O. Onório Olsen, Fred Richter, Domingos S. Nunes, Sérgio A. Zanin Carlos A. Ramos Schmidt, Roberto D. Saut, Sílvio B. de Jesus, Artêmio Zanon Carlos E.O. Bastos.

DIVULGAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS Emílio Schramm e Carlos Jardim COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Guido Heuer, Parker Pen do Brasil, Itamar Aguiar, Glauco Rodrigues Corrêa, Depto. de Assistência ao estudante de Blumenau, Carlos Adauto Vieira, Laércio Beckhauser, professor J. J. Puls, Abel B. Pereira, Pedro A. Grisa, Enéas Athanázio, Marcos Mendra, Henri Joseph Colemonts, Alfredo Costa, Isabel Pavesi.

COLABORADORES COMERCIAIS

PROBST, CENTRO DE APRIMORAMENTO K.

Agradecemos as seguintes firmas, sem o qual nosso jornal não seria uma realidade, AGROJARD, APESC, ARTEX CENTRO COPIAS DIRETO-RIOS ACADÉMICOS ELETRO MÉDICA S. A. ENGECOP FLAMINGO, HABITASUL, LIVRARIA ACADEMICA, MERCADO E FIAMBRERIA GLOBO COMERCIAL

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA Rua Monte Alegre, 1434 05.014 — São Paulo — (SP).

AGROJARD

:MOBILIARIA PHOJETOS E MEDIÇÕES MUDAS ORNAMENTAIS E ECONÔMICAS (KIRI) - O INVESTIMENTO SEGURO E RENTAVEL ESTA' NA

A G R O J A R D - IMOBILIÁRIA CRECI - 205

Rua São Paulo, 732 --- Fone: 22-06-31

BLUMENAU

SANTA CATARINA

Classificados

OSSO GERAL — Livro de coemas de Aristides Klafke. Primeira edição / fevereiro de 1977. Osso Geral é o terceiro livro publicado por Aristides. O primeiro, PABLO, foi publicado em conjunto com Arnaldo Xavier, Integrou a coletanea de poesias VENTONOVO, editado pela Editora Cooperativa de Escritores. A publicar, pela mesma editora, tem CLANDESTINO, livro de poemas.

Aristides nasceu em fevereiro de 1953 na cidade de Paranaíba, estado de Mato Grosso, e reside em São Paulo desde o ano de 1970. Trabalha numa Empresa de Planeja-

mento, Escreve contos também.

AMAZONAS POEMAS — De Narciso Lobo. Uma edição do autor. Extraído da Revista Cisoriarte. — Caracas. Tradução do espanhol: samaral. Rio de Janeiro 1976...

"Beberemos no crânio do traidor

Penduraremos seus dentes De seus ossos faremos flautas

e com sua pele faremos um tambor e cantaremos"...
MINI-NUS — Livro de Aldo Schmidtz, Mini-nus se impõe co-

mo linguagem do EU dentro do mundo, e expressão deste através daquele. Vivendo o momento das cotas existenciais mínimas, o poeta concretiza as eclipses do viver em eclipses verbais da poesia. Suas metáforas, porém, num súbito contraste, conduzem à plenitude, o não ser, do mundo e do poema, acaba sendo a lição e a razão de ser dos mesmos. Comentário de Alcides Buss.

VEREDAS — Uma publicação de Carlos Marx Alves, José Pessoa, Risomar Fasanaro e Juarez José. Distribuida inicialmente em Osasco (SP) e agora para todo o Brasil. Divulga contos e poesias de boa qualidade contribuindo para entiqueser o acervo cultural de Brasil.

riquecer o acervo cultural do Brasil.

NORDESTE TRUSTES & CARTE'IS — Quatro histórias exemplares. Delmiro Gouveia e a Machine Cotton Agamenon Magalhães e a Lei Antitruste; o caso da Fosforita Olinda e a Philips Petroleum; Herberto Ramos e a Fiat-Allis Chalmers.

Assassinaram Delmiro Gouvela e depois jogaram as máquinas de sua fábrica no rio São Francisco. Agamenon Magalhães assinou a primeira lei Antitruste do Brasil. Mas ela durou apenas quatro meses. Em cima da major reserva de fosfato do Brasil, hoje tem conjunto habitacional do BNH. A história de Herberto Ramos, o primeiro brasileiro a ganhar ema ação contra uma multinacional.

Cadernos do NORDESTE — Editora Alternativa Ltda. Rua Padre Gabriel Mousinho, 110 — Apto. 6 — Recife — 50.000 — Pernambuco — Brasil.

50.000 — Pernambuco — Brasil.

OLHAR PARA DENTRO — Tradução de Teresinka Pereira 1975, livro de Carl-Erick Sjöverg.

O DONO DA PALAVRA — Edições Nova Era, Coimbra Backtage books: Bloomington 1975. livro de poemas.

A ESTRANGEIRA E PRIMEIROS POEMAS — Teresinka Pereira.

POEMA CONVIDADO — Agosto de 1976 — Teresinka Pereira University of Colorado Depto. of Spanisch & Port. Boulder, Colorado 80302 USA.

Traz poemas e desenhos de Aloisio Buss, Inês Mafra, Luiz todos do Jornal Cogumelo Atômico de Brusque (SC).

O Gonvivio

— Sociedade Brasileira de Cultura, entidade de utilidade pública, sem fins lucrativos, está lançando, através da Escola de Cultura e da Editora Convívio, o PRÊMIO CONVÍVIO — CULTURA, que visa a estimular a produção artística no meio universitário.

O sucesso de promoções anteriores (Prêmio Convívio-Desenvolvimento, de 1975 e 1976) levou a que se instituisse esse novo concurso, que premiará as melhores produções estudantis nos campos de conto e crônica, poesia, charge e fotografía. Para cada categoria há dois prêmios, de 4 e 2 mil cruzeiros. O concurso é aberto a todos os estudantes matriculados em escolas de nível superior do País.

Solicitando mais uma vez sua preciosa colaboração no sentido de divulgar as bases desta promoção e estimular os universitários a participarem da mesma, enviamos daqui nossas mais calorosas saudações.

> HOMERO SILVEIRA Diretor da Escola de Cultura PAULO GOUVEA DA COSTA Diretor da Editora Convívio



A moda em toalha Blumenau - SC

FICÇÃO

Histórias para o prazer da leitura. Rua Itamonte, 50 Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.



Hamingo

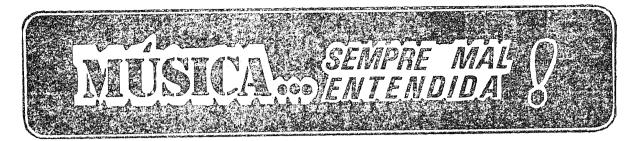
CAMA — MESA — BANHO

MALHAS - CRISTAIS

BLUMENAU

ITAPEMA

FLORIANÓPOLIS



A Poesia de Violeta Parra Volver a Los 17

de Mercedes Sosa e Milton Nascimento.

como una tibia mañana y al son de su bella diana hizo brotar al jasmin volando cual zerafin al cielo le puso aretes y mis anos en 17 los convertio el querubin.

Não seria correto dizermos e nem tão pouco pensarmos — então, vamos falar de poesia. Como se tudo o mais repreendido, nada mais tivessemos para tratar.

Na realidade, vivendo nesse mundo cruento em que se comercializa a maldade no predomínio do sofrimento em que se "marketiza" a miséria a injustiça e crueldade, ainda existe lugar para sentimentos?

E' claro que existe. Desde que não o separemos do mundo que o contém. Isso partindo de nós mesmos. E isto constitui um tremendo paradoxo para a maioria das pessoas, esse nós que constituímos que nos envolve e envolvemos. Uma vez que nunca houve uma preparação para a percepção do global, do conjunto.

Ora, tudo isso para dizer que não há mais razões e nem é mais possível separar a poesia da realidade que nos cerca. Pois é ela ainda a corda que mais tangea o nosso ego. Pois é ela ainda e talvez tão somente a única a clamar por nossa liberdade.

Então se considerarmos a consciência de trabalho, o músico e o poeta se confundem, uma vez que ambos são destravadores, ambos são profetas.

"A música é a expressão legítima da criatividade

"A música é a expressão legítima da criatividade de um povo. Então ela deve ter alguma força pra se dizer coisas a esse povo. E sua função termina aí. Os que me perseguem, devem saber mais da força da minha canção do que eu mesma. Só acredito em mim e na minha música. Se isso fosse o bastante, as pessoas não iriam se preocupar comigo, não é mesmo?

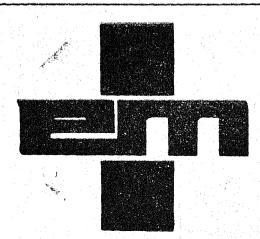
— A música acompanha a vida dos povos. Por si mesma, ela não pode resolver nada. Mas ajuda a esclarecer. Por isso há governos que proíbem a canção popular. Porque ela vem do povo e atinge o povo.

— Mas eu sonho com um mundo em que haja paz,
 em que não existam presos de qualquer espécie".
 (Mercedes Sosa — Veja 430).

(M.O.O.O.)

volver a los 17 después de vivir un siglo es como decifrar signos sin ser sabio competente volver e ser de repente tan fragil como um segundo volver e sentir profundo como un niño frente a Dios eso es lo que siento yo en este instante fecundo se va enredando — enredando como en el muro la hiedra y va brotando, brotando como el musguito en la piedra como el musguito en la piedra ay si si si... mi paso retrocedido cuando el de ustedes avanza el arco de las alianzas ha penetrado en mi nido. con todo su colorido se ha paseado por mis venas y hasta la dura cadena con que nos ata el destino es como diamante fino que alumbra mi alma serena lo que puede el sentimiento no lo há podido el saber ni el mas claro proceder ni el mas ancho pensamiento todo lo cambia al momento

cual mago condescendiente nos aleja lulcemente de recores y violencias solo el amor con su ciencia nos vuelve tan inocentes el amor es torbellino de pureza original hasta el feroz animal susurra su dulce trino detiene a los peregrinos libera a los prisioneros el amor con sus esmeros al viejo lo vuelve niño y al malo solo el cariño lo vuelve puro y sincero de par en par la ventana se abrio como por encanto y entro el amor con su manto



Eletro Médica S/A.

FABRICA MÓVEIS HOSPITALARES COM ELEVADO PADRÃO TE'CNICO E ES-MERADO ACABAMENTO. LINHA COMPLETA DE MÓVEIS HOSPITALARES, PA-RA CONSULTÓRIOS ME'DICOS, SALAS DE OPERAÇÃO, SALAS DE RECUPERA-ÇÃO.

RUA IGUAÇÚ, 89 — Tel.: 22-4099 — 22-1668 — 22-4956 — C.P. 488 — 89.100 — BLUMENAU — SANTA CA TARINA.

Una questão de conscientização

De um modo geral, a evolução atual das nossas civilizações — aprofundadas num avanço de contradições e irracionalidade e onde os individuos sentem um pessimismo passivo na forma de um comportamento cada dia mais mecanizado — é determinada mais pelas tentativas de previsão de como será o futuro, que pelas forças do passado.

E quando os individuos são capazes de se adaptarem cultural, emocional e psicologicamente no mesmo ritmo acelerado exigido pelas soci₂dades superindustriais com seu avanço veloz, eles se tornam vítimas de uma espécie de fobia, de um sentimento de respeito ou temor pelo futuro.

Assim, o temor pelo futuro, essa ameaça que hoje paira sobre milhares de pessoas, está alastrando-se como uma verdadeira enfermidade nessas sociedades superindustriais.

Elas caracterizhm-se, primordialmente, pela extrema mobilidade vertical e horizontal dos seus indivíduos, os chamados nômades modernos, em constante vai-vem.

Visando sempre melhoros oportunidades, milhares de pessoas mudam anualmente de residencia, consequentemente, nesta época de intensa transitoriedade, os produtos são fabricados para servirem necessidades temporárias: é usar e jogar fora.

Mais e mais comum são também os estabelecimentos que se especializam unicamente em alugar objetos: carros, móveis, máquinas de escrever, aparadores de grama, roupas, etc.

A estrutura das varias organizações está também se modificando rapidamente, especialmente por causa da velocidade com que novos conhecimentos e descobertas são incorporados no funcionamento das diversas instituições, tornando assim obsoleto o que ontem era conhecimento avançado.

Essa rápida transformação exige dos indivíduos extrema capacidade de ajustamento e adaptação instantâneo às novas situações e empregos que são criados da noite para o dia. Mas a capacidade de adaptação humana tem seus limites, e uma sobrecarga de estímulos pode resultar no colapso físico, psíquico e emocional do individuo.

No entanto, contradizendo e crenca popular, as socieda des superindustriais, ao con-

tseno-burocráticas cuja característica é a especialização rígida, não tornarão o homem um robô. Afinal, nem só de passimismo vive o homem. A revolução superindustrial irradiará novas oportunidades para o desenvolvimento pessoal. O ser humano irá se deparar com um excesso de escolha. A burocracia, onde cada indivíduo se encaixa perfeitamente numa frincha da estrutu ra hierárquica rigorosamente vertical, obedecendo ordens que partem sempre de cima, o individuo isola-se em sua especialidade, cederá lugar a um novo sistema de organização, a formação ou criação das equipes, as quais, semelhantes à uma montagem instantânea, será formada com o propósito de solucionar determinado problema; cumprida a sua tarefa, a mesma será desmantelada. Assim, engenheiros, economistas, sociólogos e psicólogos poderão colaborar, por exemplo, em projetos da indústria espacial ou educacionais.

Creio, portanto, que o temor pelo futuro, essa amesga que paira sobre tantos indivíduos, não é devida a estandartização e uniformidade. Esses elementos pertencem ao passado ainda recente, quando a mesma tecno-burocracia era predominante. Ambos são consequencia da tecnologia primitiva.

O problema que nos afeta hoje e afetará no futuro, repito, é e será basicamente, o da a daptação.

Nas sociedades superindustriais há excesso de diversificação, de inovação e de mudança acarretando problemas de ajustamento e de escolha.

Valores e conceitos sobre a religião, a moral, a família, a comunidade e a profissão levavam séculos para se alterarem. Atualmente, tais alterações se processam no decorrer de uma vida humana, quando não no decorrer de uma década.

É óbvio que sempre houve reações contra as transformações. Os governos temem alterações e exercem represálias contra os subversivos do status quo.

E por que subversivos? Ou melhor, o que é ser subversivo?

Segundo Paulo Freire, "a integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o ho-

mem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheics que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultados de comandos estranhos, já não se integra. Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem Sujeito.

A adaptação é assim um $conceit_O$ passivo — a integração ou comunhão, ativo. Este aspecto passivo se revela no fato de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. A adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. Daí que a homens indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivos. De inadaptados". Simplesmente isto. Conscientes.

É de conhecimento geral, que muitos reagem contra o futuro voltando-se para o passado, mirando no espelho retrovisor um mundo que lhes é famillar.

Acho que a atual nostalg a pelo passado, assumindo diversas formas — o misticismo e a volta à religião, o uso de entorpecentes, a política do nillismo, as erupções de violencia e de vandalismo, as várias seitas orientais, sem falar da ideologia marxista — nada mais é do que a deteriorização da capacidade de se tomar de cisões num mundo que é diferente daquele que foi ontem.

Tais individuos, ao se voltarem para atitudes comuns às "eras passadas", estão fugindo da realidade e encasulando-se num passadismo estéril que não serve à condição presente, indicativa de um futuro próximo.

Sim, acho que o temor pelo futuro pode ser evitado, mas para tanto serão necessárias ações decisivas tanto sociais como políticas.

E se há um conceito que dê margem a infindas discussões no dialogar cotidiano, é este que versa sobre o futuro. Cada qual, donforme a idéia que possa ter da coisa, fará a sua teoria sem grande perigo de erro.

Eu, pessoalmente, sugiro que se corrija, nem que seja de um mínimo, a dureza de coração e o isolacionismo, grandes males que reputo principais na formação das gerações que nos estão sucedendo.

Ora, para que isto se dê, bastaria que as mesmas lessem um pouco mais. Bons livros. Estes, além de geralmente clarearem as nossas bases sociais, ressaltam, com mais relevo, do ponto de vista da existencia, muitos aspectos que definem a condição da vida humana.

Portanto, se a nobre e desprotegida classe a que me cirijo atender ao apelo e vai satisfazer-se com o brilho da sugestão é coisa diferente.

Pois me parece que a dureza dos tempos é que faz empedernidos se é que o são, os jovens sob o nosso céu e em outras paragens, mesmo na Cuba de Fidel Castro, digamos

(Fred Richter)

CALCULADORAS CIENTÍFICAS E FINANCEIRAS

HP-21 HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina



PORQUE DALE CARNEGIE & ASSOCIADOS ESTÃO TREINAMENTO ADMINISTRATIVO? NO CAMPO DE

Dale Carnegie apresenta o Seminário de Gerência porque acredita que oferece um número sólido de benefícios importantes:

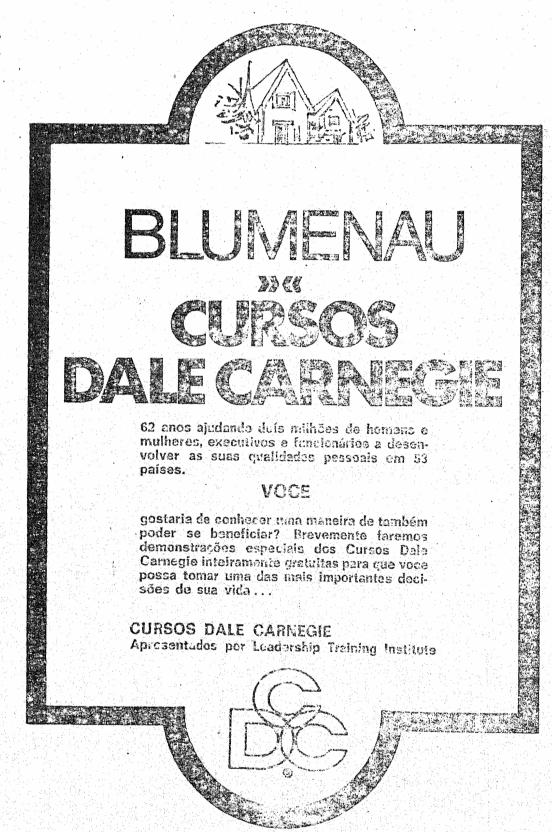
- 1 Os gerentes que assistem ao Seminário são mais orientados por metas e orientados para maiores lucros.
- 2 Os participantes enfrentam o seu trabalho com renovado vigor, vitalidade e entusiasmo que os conduz a resultados proveitosos.
- 3 Quando os Gerentes de uma Empresa assistem ao Seminário, nota-se uma melhora notável na moral, produtividade e lucros da empresa.
- 4 Os Gerentes que assistem ao Seminário aprendem como formar uma equipe de "obtenção de resultados".
- 5 Os participantes aprendem como melhorar suas habilidades críticas, tais como: Pensamento Criativo, Tomada de Decisões, Motivação e Comunicação dentro da empresa.
- 6 Os gerentes que completam o Seminário descobrem no seu trabalho mais propósito e mais significado. Eles, portanto, fazem com que os seus subordinados tenham também mas propósito e significado no trabalho, obtendo como resultado uma equipe motivada.

Os Cursos Dale Carnegie são apresentados no Brasil por LEADERSHIP TRAINING INSTITUTE E SEUS ASSO-CIADOS.

A sua Organização Mundial de Treinamento para adultos, na década dos 70 anos de operação profícua em 53 países.

Sede em Sta. Catarina.

Rua XV de Novembro, 534 — Sala 65 — fone: 22-2142 — Blumenau — Santa Catarina.



TOPOGRAFIA

PAVIMENTAÇÃO

Hayahsi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, 1957 — Caixa Postal, 703 — Fone, 22—0635

THE TEMPTER TO

SANDA CATABINA

CURSOS DALE CARNEGIE Rua XV de Novembro, 534 —

Telefone: - 22-2142

Sala 65 — C.P. 1284 — Blumenau-SC.

89.100

COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que c' เกลก ล fกทร์วุ

QUE TENHO EM COMUM COM OS OUTROS? A ÚNICA COISA QUE TENHO EM COMUM COM OS OUTROS, É NÃO TER NADA EM COMUM. (O.O.J.)

AS MELHORES MATÉRIAS

"O GOSME"

Hoje o Cosme não vem A vassoura fica onde está Os ratos comerão tranquilos na lixeira Porque ele deixa de beber água O boné, a bota verde descansam Em seus aposentos no primeiro andar A caixa de correspondência Permanece vazia o dia inteiro Pois também cartas inexistem Me convenço da necessidade de dormir Domingo foi feito para descanso Por isso o Cosme não vem Passarei pela tarde sem esperar Resposta da carta que nunca chega Passearei pelo chão que o suor Do Cosme varreu Olharei para as plantas Que sua mão enxugou Amigos do meu mundo Hoje o Cosme não vem Assim como não chegarão cartas E os ratos procriarão Livres do seu descaso Que entra na lixelra Para beber água E me comunica Se há carta Ou algo que insisto Em perguntar.

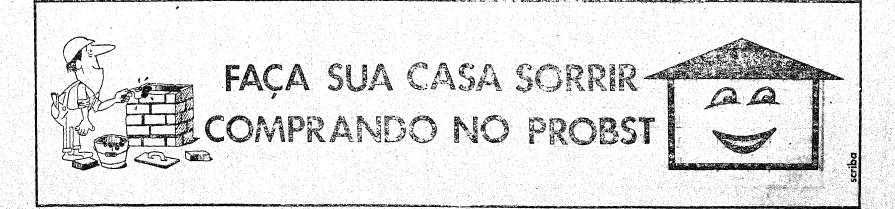
(Alfredo Costa)

Rio de Janeiro-RJ

Alienação

Luzes, Sussuros, Zumbidos, gritos, risos. Turbilhão de vozes ecoam no infinito. Um ser vague a ausente, tonto, perdido. Um tilinlar sem fim. Meus olhos procuram no infinito mundo. Incendelam, the querem, Buscam, clareiam. Perpassam olhares sombrios, vazios, ternos, bêbados, azuis, verdes, vermelhos e negros. Um ritmo forte inicia e, um ribombar de bumbos enfurece e enlouquece. Robôs gesticulam. Acho que vou explodir; Ou me dividir, Meio prá lá, meio prá cá. Vou Ihe rever... No fundo do copo, nas gotas perdidas, nas sombras coloridas, nos corpos semicolados, na loucura dos desvairados nas faces crispadas de suor pingadas, nas fumaças pelos ares, nas vozes atrozes, Los abraços estranhos, nos vultos surdos, nos rostos zonzos, nos sons. Perdi-me na multidão.

Izabel Pavesi



CONTO

O Azul da Montanha

(CONTO DE ENÉAS ATHANAZIO)

Canoinhas - S. C. -

"O SOL É O PONCHO DO POBRE"

Em toda a região era conhecido apenas por Caléco. Nada mais. Era filho de Sinhá Vitoca, idosa e papuda, que se tornou célebro pela perfeição com que tecia baixeiros. O pai era desconhecido, não faltando murmurações de que fosse o tairoiro Moisés. Certeza, porém, não havia, pois que isso de paternidade é mera presunção. Somente os mais velhos sabiam disso; os jovens pão lhe conheceram sequer a mão. Como concessão à voz dos primeiros, poder-se-ia dizer que era o Caléco da Sinhá Vitoca.

Um corpo enxuto, a idade indefinivel. Alto e simpático, usava bigodes e tinha uma tez morena que gerava a suspeita de sangue negro naqueles veias. O cabelo, no entanto, parecia afastar a hipótese: era liso e brilhante.

Criou se ao deus-dará. Não tinha registro ou sobrenome e não sabia escrever. Sua existência era um fato que nenhum papel podia comprovar. Mas isso não o incomodava e não o fazia mais ou menos feliz. Talvez ignorasse mesmo tais filigranas.

Nunca teve morada ecrta. Desde menino percorria aqueles campos, que conhecia como a palma das mãos. Não havia carreador, picada ou sanga que lhe fosse estranho. Nem mesmo o rio caudaloso impedia suas andanças, varando-o em qualquer época do ano, tanto nas secas fortes, que punham à mostra as pedras do leito, como nas enchentes tenebrosas em que as águas subiam pelas ribanceiras.

Não tinha defeitos, exceto o fato de que não gostava mesmo de trabalhar. Inutil procurar em sua bio, grafia um só serviço que tenha executado. Acometia-o somente uma inclinação, manifestada como mania, em qualquer lugar ou ocasião, o hábito de varrer. Nessa atividade, a única que condescendia em realizar, era meticuloso e, munido de uma vassoura, limpava casas, terteiros e até mesmo as estradas diante das propriedades. Por isso, quando aportava em algum sítio, eram comuns frases como esta:

— Ó Don'Ana! Aproveita o Caléco para varrer o galpão!

E lá ia o andarilho, assoviando entredentes, livrar das sujeiras o galpão necessitado.

Ninguém sabia por onde andava. Aceito como peça da paisagem, desaparecia e surgia nos lugares mais distantes e nos momentos mais inesperados sem causar surpresa. Silencioso e desinteressado, quando chegava numa fazenda, — e ele as conhecia todas, — ia entrando calriamente, como quem acabava de sair, mesmo após me.

GENTILEZA do K-Centro de Aprimoramento - CURSOS -Fones: 22-0631 e 22-0917 Rua São Paulo, 732-c.p.832 Blumenau S.C

		_			
Digais	Sabeis	Diz	Sabe	Dirá	Não sabe
Façais	Podeis	Faz	Pode	Fará	Não deve
Acrediteis	Ouvis	Acredita	Ouve	Acreditará	Não é
Gasteis	Tendes	Gasta	Tem	Gastará	Não tem
Julgueis	Vedes	Julga	Vê	Julgará	Não é
MIO	TUOO QUANTO	PORQUE AQUELE	TUDO QUANTO	MUHTAS VEZES	O QUE
	1		A STREET, SQUARE, SQUA	COLUMN COLUMN CONTRACTOR CONTRACT	

ses de ausência. Cumprimentava com naturalidade ad pessoas, desde o chefe da casa até as crianças, tratando-os pelos nomes. Nas noites frias, tão logo chegava, od caes o festejavam. Não encontrava dificuldades para dormir, bastando-lhe um monte de milho, um pelego ou mesmo um assoalho, à falta de coisa melhor.

Sentavalse à beira do fogão, ou do fogo de chão, que ficava aos seus cuidados. Preparava e servia o chimarrão. Perguntava por este ou aquele, comentava o tempo, a qualidade das roças, o preço do gado. Nada dizis a seu próprio respeito. Por ali ficava alguns dias, até que, sem aviso ou despedida, se eclipsava em silencio.

Não fazia pedidos. Recebendo de comer, aceitava com alegria; não reclamava quando o esqueciam. Exultava ao lhe oferecerem uma velha roupa para substituir os seus molambos, que, de tão remendados, não tinham mais cor. Ou quando recebia velhas botas para aquecerem seus pés maltratados pelas geadas inclementes.

Quase não falava. Silencioso, sentava se num degiau da oscada, nas noites enluaradas, cercado pelos cães da fazenda, e ali permanecia por horas seguidas, ruminindo misteriosas idéias.

Nas vilas era praticamente desconhecido. Evitavaas, dando voltas enormes para desviá-las nas suas incanexveis caminhadas. Seu natural, seu meio, era o campo verdo onde os quero-queros gritavam e o vento corria solto. Para ele não existiam cercas, divisas separações. Toda a imensidão ondulada lhe pertencia. Tudo varejava passo rápido, como quem fiscaliza uma propriedade muito querida.

Por muitos anos palmilhou a região, de dia e de hoite, debaixo de sol ou sobre a brencura da neve, na companhia das estrelas e com chuva pesada .Nunca praticou um ato maldoso. Jamais foi visto em companhia de uma mulher. Solitário como o campo onde vivia.

Livre e descompromissado como um animal, era um rebelado contra o trabalho. Quando excedia a permanên. cia era facil livrar-se delse O patrão, na roda do mate, virava-se para um peão qualquer e dizia:

— João, amanhã você ponha o Caléco no roçado. Não protestava, nada dizia. Entendia que estava abusando da hospedagem. Num momento em que os ou, tros se distraiam, desaparecia furtivamente.

Foi numa dessas ocasiões que o vi pela última vez. O sol banhava o verde dos campos, o céu anilado prenunciava geada, o ar era fino e frio. Recortado com nitidez contra o horizonte "galgava lépido uma colina, desenhado como figura solitária sobre o tapete verdejante. Mais ao fundo, longe, muito longe, avistavam-se as montanhas azuladas.

Os negros cabelos esvoaçando ao vento, o passo se guro e decidido, foi o único homem realmente livre que conheci. Sua liberdade só tinha limite no inatingivel azul da montanha.

Fluydos Vyndus

Súbito fluido de pouco durar, de dotar o vazio de um etéreo vislumbre, de tomar a verdade de ares distantes, de soltar ilusões de alegres andanças, faz-me ir ao jardim de tocantes perfumes; Só daí, decidi acontecer, Sempre, indeciso no momento, quando fluir, logo seduz.

(MARCUS MENDRA) Belo Horizonte — MG 23.02.77

O hom

A sociedade arma uma para capturar o homer A sociedade estabeleca rara assegurar a sua O homem precisa assega sociedade oferece ao proteção e alimento

Como?
O sr. deseja ser l
"O direito de um
onde começa a de
Alerta! a sociedad

O homem tem de traba para manter a Sociedado homem constitui fama célula primordial da família-ratoeira casamento-engodo o salário-fome o salário-queijo

Precisamos conservar a

o salário-medo!

A ratoeira está arr familia-trabalho-salá e o homem cai na casa-se, edifica ur trabalha, come e o graças ao salo-f

A natureza, eterna aliada do homen é atacada pela sociedad e o homem contra a su como Judas Iscariotes, vendendo-se pelo salário A natureza abusada e pacossada pelo homem que se multiplica e se e por todos os confins da

Homem sábio Homem mortal Homem depredado Homem-ratol

O homem-rato
i gita-se dentro de sua ro
mas a Sociedade ofereo
roteção, alimento e...
Pão e circo!
clama a multidão,
não e circo!
grito que ecoa através d
atraindo os frágeis hom
convertendo-os em rato

Agradecei, ratos, o à Grande Mãe, à grata Sociedade, que carinhosament

O grito do último home pessoa numa labiríntica procurando a sua a Liberdade.

Eu li a guerra e nasceu este poema

(roberto diniz Saut)

atoeira ·livre! ditames obrevivencia, rar sua subsistência, nomem

re? idivíduo termina outro". precisa ser preservada!

ar viva e unida, a, ociedade,

sociedade!

ıďa: O irmadilha, a familia,

aliada se volta

queijo-fome. stituida geme rato, palha terra.

eira -lhe liversão.

séculos s-livres

beneficios recebidos

vos ama.

-livre averna ra:

nri-Joseph Colemonts) Curitiba — Paraná

Blumenau - S. C. arranca da carne o grito de dor oh soldado em armas esfacelado pela guerra!

tua verde farda avermelhada brilha ao sol rente à pele tua pele, defensor de lares!

na agonia da trincheira agarrado ao fuzil olhas o céu claro e calmo.

tua mente não entende o metralhar e os roucos canhões a deitar por terra vidas amigas.

ieus filhos te querem em casa tua esposa chora no quarto a solidão. por que não atendes?

o inimigo urrando cai sobre a mortalha e sangra os últimos feridos confirma os mortos no rasgo das baionetas.

recebes no peito agonizante o brilho do metal silencioso da eternidade. teus olhos parados apenas olhas o horizonte sereno e azul as moscas vorazes te visitam vermes invadem teu sangue enegracido.

tous filles to aguardam soldado! tua esposa te quer para o jantar do entardecer.

por que não envias notícias? por que não contas estórias alegres? por que não gritas: cessar fogo!...?

eu sei... eu ouço, soldado, neuróticos berros repetidos estrondos togo! ao ataque! guerra apenas guerra morte apenas morte.

os comandos declaram: 'aos seus postos! ataquem pela ala sul! derradeira ordem... matar!"

soldado! por que não foges da batalha ou finges dormir? por que não pedes ao Presidente paz? aos Presidentes paz!

ele está morto.

o comando acaba de assinar a paz. alegria nos continentes οε vivos festejam os mortos descansam os comandantes tomam chã os Presidentes das nações disputam golfe os filhos do soldado carregam os tacos as esposas lustram o chão de mármore o inimigo narra aos amigos: "matei trinta"! eles riem trinta numa só rajada elcs calam, tombavam critavam e eu goslava.... os coltados erguiam os braços sangrantes era lindo vê-los morrer; ra próxima rivalidade entre comandos quero um tanque quero esmagar os corpos!"

P

(Pedro A. Grisa) CANOINHAS - S. C.

Sapateia, Cabocla. Sapateia o samba, Cabocla Sapa-atéia, Cabrocha Ateia da aranha, Cabrocha, enreda no samba a atéia sapateante

Sapo pula. E a sapa? Não importa... sapateia o samba, Cabrocha A teia da aranha é rede pra descansar

Sapateia Sapa-atéia Sapa-à-toa Sapa-a-teia a teu sapo sapo ateu

no samba atela fogo no fogo da samba sapateia, Cabocla.

O mundo quer instantes não quer tempo o tempo quer mundo não quer instantes

Sapateia, Cabocla, no dorso do Mundo que o mundo rodeia

Sapateia, Cabrocha Sapateia, atéia a teia do sapo mundo-sapo de passo em passo de pulo em pulo

TEIA.

CONTO

(Conto de Giauco Rod_figues Corrêa) — Florianópolis-Santa Catarina

O bar estava com pouca gente. Ainda era cedo o movimento mesmo começava lá pelas oito quando os carregadores, os desocupados, os biscateiros e as prostitutas resolviam entrar e dar inicio à rotineira travessia da noite, em. barcados nos lisos de cachaça ou pendurados nas garrafas de cerveja. Até as oito, ficavam ali pela calçada, indo até o mercado, voltando, indo de novo, entrando e saindo do bar. olhando para o aterro, como se esperassem alguém ou alguma coisa inusitada. As oito horas, como se fosse dado um sinal, uma ordem, é que iam ocupando as mesas, ficando até quando o dono resolvia fechar. Então saiam para a noite, alguns engatados, outros sozinhos, tropeçando, todos bêbados.

Mas àquela hora — sete da noite — o bar estava com pouca gente. Numa mesa perto da porta, apenas uma mulher, olhando avidamente para a rua. Na mesa dos fundos quatro soldados da PM, fardados, bebiam cerveja e conversavam, olhando para a mulher. Ela se virou para eles, riu e pediu cachaça. Um deles mandou servir. Numa mesa intermediaria, dois paisanos tomando caipiri-

Não crê nos outros, Mas balbucia lamurias. Não fala mai dos outros, Mas fica de braços cruzados.

nha, falando baixo, de vez em quando mirando os soldados. Lá fora, os crioulos, rondando a porta sem entrar. A barra estava meio pesada: os dols paisanos eram da policia um aeles, escrivão, o outro investigador, conhecidos e respentados no ambiente, principalmente o escrivão, fama de espancador, de mau caráter. De quando em quando chegaya mais um desocupado à porta, mas retornava logo, gozando dos que já estavam na rua.

Um des soldados havia se instalado na mesa da mulher e ouviu a gozação que corria la fora. Pensou que fosse com ele, levantou-se e foi tomar sa_ tisfações. Os companheiros foram atrás. Começaram a discutir e foram se empurrando, dizendo palavrões. Logo, socos e pontapés, a esmo, em quem estivesse mais próximo. Uns se afastaram para _O meio da rua, cutros correram para den. tro do bar. Os soldados a distribuir botinadas para tudo que era lado, perseguindo os que entraram, acertando nos crioulcs, nas cadeiras, nas mesas. A crioulada, procurando pegar de jeito os soldados ia acertando sopapos em quem chogasse perto. Os dois paisanos tinham se levantado e deram uns gritos. Voltaram-se os soldados:

— Parem com isso, seus acanas, gritou o escrivão. Eu

sou da policia e acabo levando todo mundo em cana, se não pararem com esta esculhambacão!

E foram indo para o lado dos soldados, falando sempre, vocês não têm vergonha, não honram a farda que vestem, e tentando segurar o mais exaltado, aquele que fora tomar extisfações com os crioulos.

— Não bota a mão na far. da, paisano filho da puta!

Foi como um estopim. Os outros três soldados arremeteram sobre o escrivão, enquanto o que gritara acertou em cheio a cara do investigador:

— Policia civil já era, cambada de veados!

E a briga restringiu.se aos policiais. O resto só assistia de camarote. A princípio em silêncio, logo em seguida incentivando os milicos, que levavam vantagem: dois por um. O escrivão era o que apanhava mais, já estava com o rosto empastado de sangue, o paletó rasgado. O outro tinha se encestado à parede e, de qualquer jeito, tentava escorar os agressores. Sem muito êxito.

Foi quando o escrivão caiu. Como por um passe de mágica, um pé de mesa apareceu nas mãos do soldado. Ele pisou forte no peito do escrivão e começou a bater. Repetidos vezes, na cabeça do homem deitado. A assistência vibrava. O soldado batia. Uma mulher gritou:

— Mata esse vagabundo, mata que ele não presta!

E o coro:

- Mata! mata! mata!

O investigador conseguiu sacar do revólver e disparou às tontas, olhando fixo para o colega no chão, tremendo mui. to, branco, o nariz sangrando. Disparou uma, duas vezes. O silêncio coincidiu com a chegada das viaturas preto-e-bran. cas. Ninguém reagiu, ninguém protestou. Os policiais recémchegados iam agarrando todo mundo indistintamente. mando, empurrando, socando. Ninguém falava, cada um se entregava mansamente. Na rua, só os curiosos de última hora pel gunthvam, exclamavam.

Um dos soldados segurava o braço esquerdo, o sangue escorrendo por entre os dedos que estrangulavam o braco como garras. O outro, aquele que acertara o escrivão, sentado no meio da sala, com a cabaça entre as mãos, soltava uns roncos, soluçante. Foi con. duzido para fora, algemado, olhando para trás, para o corpo estendido. Uma baba es· corria-lhe pelo queixo, brilhan. do sebre a pequena cicatriz branca, em meio ao escuro da barba por fazer

Crença ou crendice

(Itamar Aguiar)

Blumenau-SC.

Não bebe nem fuma, mas pensa que todo mundo é bebado ou viciado. Não come carne é vegetariano, Mas ingere a si próprio. Não vive neste mundo é das alturas, Mas fala em outros planetas e desventuras. Não sabe o que e ignorancia, Mas acha que todo mundo está mergulhado nela. Não perde tempo em discussões, Mas acha que o mundo é um caso perdido. Não pensa em roubar, Mas mata seu irmão pela palavra. Não briga nem xinga, Mas fala em castigo universal. Não arregaça as mangas e trabalha, Mas tem certeza de que será salvo. Acredita na vinda do "SALVADOR",

Mas não espera pelo seu irmão.

DIVULGUE ASSINE
O ACADÊMICO

JURNAL "	AS — Cr\$ 50,00 anuais O ACADÉMICO" - Blumenau — Santa Catarina
Nome	
C E P	
Cidade	

Opinico

Entre outras coisas, fazemos Literatura

Por OLDEMAR OLSEN JR.

— Tesoureiro da Associação Catarinense de Escritores

Para se fazer uma análice completa do que se faz em termos de cultura em Santa Catarina, hoje, deveriamos iniciar o processo analítico pelas cidades com as perguntas: "Quais as cidades no Estado em que há algum movimento artístico literário, artesanal, ou qualquer outro que possa ser englobado na cultura catarinense? Quais os elementos que participam desses movimentos? Com o que participam?

Após respondermos honestamente essas perguntas, teremos um grupo humano que faz cultura em Santa Catarina junto com $_{\rm O}$ respectivo acervo artístico.

Na literatura, nas Artes Flásticas, no Teatro, no Artesanato... Em todas as variantes que a cultura possa assumir, é passivo e indispensável essas perguntas se se quiser aquilatar o que realmente se faz...

Na Literatura por exemplo, houve-se constantemente que Santa Catarina continua vivendo o complexo da ilha que sempre tove; o complexo de ilha existe devido ao individuelismo daqueles que já fizeram literatura e procuram ignorar o que se está fazendo agora.

Um exemplo desse faccionismo personalista e latente em alguns mancebos é o fato de mencionarem o Jornal DES-TERRO como um grito rouco (semi-morto) dentro do Estado; um jornal que circulou dois moses somente nos idos de 1976 e, infelizmente deixou de circular. No entanto, porque dei xam de mencionar o Jornal O ACADEMICO que circula regularmente e já está em seu terceiro ano de existencia divulgando o autor catarinense em todas as Universidades brasi-

Não entendo porque certos analístas simulam ignorarnos se a própria Parker Pen, nos premiou como o 3º Jornal Universitário do Brasil em 1976...

O catarinense é incapaz de valcrizar o que é dele e sempre é o último a saber.

E constrangedor poder observar cinco jovens (todos com menos de 25 anos) lutando para manter e divulgar uma literatura noctâmbula (como preconizam muitos analistas) e nem estar classificado entre ela.

A literatura catorinense e-

gğur gyur elkostror "foorfieci-

mento", classifiquem-na se quiserem..... Nova ou velha... mas por favor não a ignorem porque pior cego é aquele que não quer ver.

NINGUÉM dentro de Santa Catarina pode falar de literatura catarinense sem mencionar o Jornal O ACADEMICO, cu vocês conhecem outro jornal independente que se preocupa com o autor catarinense?

Porque somos jovens, porque estamos engajados num sistema que nos inibe mas não nos limita; dêem-me uma razão convincente para que sejamos ignorados e eu me calo.

Não existe uma Associação dos Escritores Catarinenses (ouviu Sr. Celestino Sachet); o que existe é uma ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ESCRITORES. Nela estão incluídos autores radicados em Santa Catarina (mesmo não sendo catarinense de nascimento) como é o caso de Holdemar Menezes...

Outros pseudos donos da verdade, citam o cearense José de Alencar, o gaúcho Erico Veríssimo, o "goiano" Guimarães Rosa, mostram conhecimentos fantásticos de geografia falando do Muro de Berlim ou de sociologia: Muros da África do Sul dos Estados Unidos dividindo duas cores de pele; mas e autor catarinense?

O autor catarinense fica penando entre um suplemento literário e outro suplemento literário; jogado a complacência dos elementos que organizam suas páginas.

Falar de quem nasce, dizer quem já morreu; mostrar os agonizantes e rir dos que ainda estão lutando é muito comodo e simples. Eu quero congratular-me com aqueles que entraram na luta e ainda estão nela. O pessoal do ACADEMI-CO, sangue novo no FRAN-KENSTEIN deprimido da literatura catarinense (Blumenau); a turma do Jornal DESTERRO, pouco apoio para ideal... Morreu o Jornal mas não os seus idealistas (Florianópolis); o grupo CORDÃO de Joinville, O COGUMELO ATO-MICO de Brusque e outros batalhadores que lutam nos suplementos literários de diversos jornais.

Viver um tempo de Presença, um Tempo de Atuança... que, se Deus ajudar, não pode estar tão longe... Oh! Sachet, tenha paciência... Deus é mineiro na literatura brasi-

teger da ignorância da alienação e dos falsos messias.

Precisamos despertar o hábito do povo para a literatura, educar o povo para ler; então sim, o autor não precisará ir de porta em porta para vender c seu livro.

A catequese é um trabalho de base que deve ser feito a longo prazo pelos próprios autores. O autor é uma pessoa normal como qualquer outra, portanto deve necessariamente se identificar com o povo, viver as necessidades do povo e procurar dar alguma coisa para esse povo através de uma literatura vinda de sua inquietação espiritual e de sua visão da real dade.

Ficar tamborilando os dedos atrás de um escrínio tentando imaginar-se em situações, criando personagens, escrevendo para concursos... Isso é coisa mediocre... Pode ser feita é verdade, mas para

que gastar energias com fantasias se temos uma realidade a cada passo esperando apenas por um redator menos burguês e com um pouc_o mais de visão.

Mostrar aquilo que vai em nosso intimo, é um dever de todo o escritor; dizer o que se pensa segundo o nosso ponto de vista é um primeiro passo para um debate que pode trazer soluções e uma possível abertura para o povo que assiste e toma conhecimento desses debates. O que não pode ocorrer sob pena de cairmos no ridiculo é omitirmos fatos e realizações com o receio descabido de que essas novas luzas possam ofuscar o brilho esmaecido de outras lâmpadas já decrépitas.

Agora, vamos arregaçar as mangas, esquecer os velhos conflitos ideológicos e ajudar quem está fazendo alguma coisa, senão fazendo, pelo menos não ignorando quem faz.

Jornalismo estudantil: Santos é sede do 1 encontro, em agosto

Santos vai ser sede, de 26 n 28 de agosto, do I Encontro Brasileiro de Jornalismo Estudantil, promoção conjunta da Faculdade de Comunicação daquela cidade e da Parker Pen do Brasil, que desde 1974, com a instituição do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil, vem dedicando especial interesse aos estudantes de todo país, através a premiação de seus órgãos de divulgação.

Podem participar do Encontro, universitários e estudantes de 2º ciclo, bem como representantes oficiais de faculdades e colégios que terão, nessa ocasião, oportunidade não só de trocar idéias a respeito dos informativos que editam, mas de apresentar teses, visitar jornais da cidade, participar de debates e propor soluções para os problemas que envolvem a criação de um jornal estudantil. Durante o encerramento do Encontro, marcado para a manhã de 28, a Parker entregará aos vencedores do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil 76 os cheques e diplomas a que fizeram

São convidados especies da Parker pera o I Encontro de Jornalismo Estudantil, os elementos que constituem o Juri que analisou os trabalhos que concorreram ao Prêmio este ano, os jornalistas Prudente de Morais, netto, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Mino Carta, diretor do semanário "Isto É" e Mauro Guimarães, chefe da sucursal do Jornal do Brasil em São Paulo.

Os Encontros Prasileiros de Jornalismo Estudantil serão promovidos pela Parker a cada ano em um Estado diferente. A Faculdade de Comunicação de Santos ofereceu-se para sediar o I Encontro na qualidade de vencedora Prêmio Parker-76 nas categorias Informativos Nível Universitários — jornal "Entrevista" — e Autores Nível Universitário: Marcelo Luciano Martins Di Renzo e Sergio Tadeu Gonçalves, estudantes daquela faculdade, foram os vencedo res deste ano.

Maiores informações sobre o certame junto à Parker, rua José Antonio Coelho, 85 — São Paulo — CEP: 04011, ou à Faculdade de Comunicação de Santos, Departamento de Jornalismo, rua Sete de Setembro,

pera nes pro-

K - Centro de Aprimoramento CORH - Curso de Oratória e Relações Humanas

O INCOMODO MERCADOLÓGICO

"O equilíbrio ca natureza se faz com o sim e o não... cada criatura é um poço de verdade e de inverdades. Portanto não posso concordar com as afirmações contrárias ao meu trabalho, mas o respeito pelo trabalho alheio é fundamental... na vida há muitas armas e muitas almas...

Uma forma de comunicar a vida é lutar pela vida... (Lindolf Bell — in O Acadêmico nr. 21 abril de 77).

No princípio era o verbo, e _O verbo estava com Deus, e o verbo era Deus (João 1:1).

"É lamentável que existam pessoas que procuram jogar lama em quem desde criança ocupou-se com a arte e fez dela um trabalho sério e o seu meio de vida... Sr. Vilson do Nascimento, seu objetivo jamais foi ou será atingido..."

Deixe-o viver a sua vida, o seu trabalho..." (Dianari Marques Branquinho — in o Acadêmico nr. 21 Abril de 77.

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás. (gen. 2: 19).

O homem em sua natureza básica, procura satisfazer suas necessidades fisiológicas c psicológicas na labuta diária.

No conceito econômico, sabemos que as necessidades são iliminadas em número, contudo são liminadas em capacidade, pelo menos por alguma fração de tempo.

A única exceção ocorre com o dinheiro. Ninguém fica sociado com ele. Explica-se, pois com o dinheiro temos a possibilidade de satisfazer todas as necessidades possíveis.

Lembramos aqui ainda o conceito de Charles Gide: Riqueza é uma relação entre o homem e as coisas.

Mencionamos ainda um outro conceito econômico que ainda não foi revogado: a lei da oferta e da procura. "O valor ou preço de um produto cresce na razão direta da sua procura e na razão inversa da sua oferta".

Ou assim:

"O valor baixa na razão direta da sua oferta e na razão inversa da sua procura".

E dizem os entendidos que o preço é o encontro da oferta com a procura.

E é no mercado que oferecemos e procuramos novos produtos.

Na evolução do HOMO SA-

PIENS, passou ele por diversas

Inicialmente ele só tirava da natureza, era o HOMO COL-LECTOR.

Posteriormente sentiu a necessidade de domar a natureza, começou a plantar, cuidar de animais e temos então a figura do HOMO FABER.

Trabalhar somente cansava e o surgiu então a figura do HOMO LUDENS. No século XX, o professor do CEDEL — Sr. Sergio Cavallari, desenvolveu a teoria do HOMO MARKETENS.

Pode ser considerado como o consumidor final, uma figura importante no mundo económico neste estágio de nossa civilização.

O HOMO MARKETENS consome, gasta, esbanja, desperdiça, paga impostos e se preocupa em poupar, e às vezes até consegue.

O HOMO MARKETENS, põe em movimento a gigantes ca máquina da Econômia Mundial

O HOMO MARKETENS é o que age e reage de acordo com a regra do MARKETING. Ou seja, todos nós.

Na mesma escalada evolutiva, desenvolvida pelo K — Centro de Aprimoramento surge o homem do Futuro:

O HOMO KATENS.

Homem este que procura "os Centros de Aprimoramento" para o desenvolvimento do seu ENS. ENS este dissecado em EmergiR, NasceR e SuperaR.

EMERGINDO suas potencialidades, NASCENDO com nova filosofia de vida, ou seja, a filosofia do pensamento progressivo e SUPERANDO sua timidez e o medo do ridículo em fazer inovações.

As vezes sentimo-nos deslocados querendo aliar estes dois tipos de homens. Impossil:Ndades não existem e se conseguirmos fazer uma junção harmoniosa, o HOMO MAR KETENS é o meio para chegarmos realizados ao HOMO KA-TENS.

Por este motivo, acredito que o Sr. LINDOLF BELL merece nossos aplausos, aplausos também ao Sr. VILSON DO NASCIMENTO por seu louvável trabalho em termos publicitários e educacionais, fazendo um elo constante entre a FURB e os órgãos de imprensa.

Na realidade todos nós queremos vender algo. As vezes este produto é intangível. Poderá ser uma poesia, um quadro ou uma filosofia de vida.

Vivemos na era do HOMO

MARKETENS e às vezes somos incômodes mercadológicos.

Contudo, esperamos ansio scs o império do HOMO KA-TENS, onde este incômodo mercadológico tornar-se-á utilidade e beneficio no constante jogo de nossas vidas.

Laércio Beckauser Um acadêmico incomodado

KOISCE'S

(TITO VILLE)

PERSISTENCIA — Uma das razões porque continuamos (diziam eles) foi porque poucos notaram nossa ausência.

COINCIDENCIA OU NAO

— ... Depois que demos um

"pau" no 8 ou oitenta, digo,
Oito ou Oitocentos, ele saiu do
ar. (êta jornalzinho bão, thê!)

MUDANDO DE ASSUNTO

— ...E as mordomias no DCE?

O CAPITALISMO E OS MOVIMENTOS ESTUDANTIS — O que é que tem a ver uma coisa com a outra?... Não, é que muita gente poderia ficar rico vendendo selos para remeter as cartas abertas que andam circulando por aí.

ANIVERSARIO PATOLÓ-GICO — Quem fez aniversário esse mês?... Nós. E dizem que "uns e outros sobrevivem de teimosos" ... Nós também. Mas e o que se ganha com toda essa persistência?... Dor de cabeça, experiência... Mas vocês ficam mais conhecidos! Evidentemente. Nasce uma criança lá no Bom Retiro e quem foi o pai da criança? Nós, é claro.

QUEM APANHOU OS PRE-SENTES — De presente nada sei, mas pegamos um Resfriado pensando neles.

REFLEXÕES - ...Depois que o idealizador dessa coluna pediu demissão porque gannhava muito pouco (isto é, nada) e foi transferido, porque, afinal de contas ele não era masoquista a coisa ficou preta. Todo mês é a mesma ladainha, pegar duas folhas papel ofício (espaço 1) e fazer vocês perderem tempo lendo essas blasfêmias sociais O diabo é que a coluna dá BOB'S (influência do Muçun), quero dizer IBOPE... De modo que não tem jeito mesmo. Estou na metade da primeira página, passaram-se duas horas e tenho que continuar enrrolando mais um pouco. Há, o agita dor (ver agitador de gemada, edição passada) foi à Florianópolis participar daquilo ele pensave ser um movimento pelas liberdades democráticas, direito de ficar sem fazer nada, tomar banho uma vez por mês (ou quando a "justa" gratuitamente)... Protestar contra o aumento de tudo (até do caminho para voltar para casa), contra a subida do elevador, contra o aumento cerveja, piolhos na cabeça... etc... Ele voltou decepcionado... Não era nada disso... Eles tavam discutindo pra ver se iam discutir, de modo que a coisa ficou empatada... E o ventre pavoroso do inconformismo gerou mais um filho atarantado... E o que é mais importante, com fama de bobo.

OTIMISMO — Eu gosto de ler esse jornal porque ele tem uma coluna (pensaram que eu ia dizer coluna vertebral, hem) uma coluna de humor fantástico...

PERGUNTA DO MES — Qual é a do Dianari?... ver edição passada.

HEROI DO MES — O imbecil que fez a pergunta.

PENSAMENTO DO MES — Sem dúvida, basta pensar.

FILOSOFANDO — ...Depois do macaco, o estudante.

APELO AO BOM SENSO — Gostariamos de saber quem foi o palhaço que mandou uma carta aberta para o nosso jornal publicar (não assinada)... Você (es) pensam que nóis semo burro. Nóis não é tatu de publicar aquelas marvadeza com os hóme, e coisa e tar.

PARA OS ATRASADOS — Haverá Cálculo renal nas férias... (pensaram que eu ia dizer Cálculo diferencial hem... Tapiando vocêis só de butuca.

VOLTANDO A VACA FRIA — ...Agora (de reticências em reticências) estou na segunda página e minha penitência parece estar acabando (é o começo do fim)... Vou fazer um pedido... Porque vocêis não cooperam e passam a ler coisas e assuntos mais interessantes que essa coluna idiota... Ajudem-me a não perder tempo.

OBSERVAÇÃO — A palavra Vocêis está escrita errada, o correto vocês sabem... É só para não pensarem que eu sou anarfa.

Artes Plásticas

QUEW FAZ GULTURA EM BLUMENAU

Com o objetivo racional e científico de descobrir quem faz cultura em Blumenau, nós abrimos essa coluna e dialogamos mensalmente com um ou mais elementos que identificam-se com nosso ideal. Esses elementos são indicados pela nossa redação ou sugeridos por pessoas já entrevistadas. Muitas vezes aparecerão elementos novos, velhos, ou velhos e novos... As idéias, omissões e emissões de conceitos e preconceitos... Intrigas e outros quesitos são importentes para cada um. Cada um com as suas verdades; nossa luta é mostrar que eles existem, somente.

Esse mês conversamos com o artista plástico GUIDO HEUR que exerce a função de Diretor do Dpto. de Cultura da Prefeitura Municipal de Blumenau.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO DPTO. DE CULTURA NA CO-MUNIDADE BLUMENAUENSE — O Dpto. de Cultura tem participado ativamente nas promoções do calçadão. Existe uma Comissão que organiza as promoções nos finais de semana no calçadão (o Dpto. de Cultura faz parte dessa comissão) teatro, cinema, exposição,

escolas também é um evento que o Dpto. de Cultura apoia (ver nr. anterior de O Acadêmico, entrevista com Carlos Jardim).

SOBRE A GALERIA MUNICIPAL DE ARTES — A Galeria
Municipal, ao contrário dos
que muitos pensam, não irá afetar a iniciativa privada, o
importante é que a cultura sobreviva. A Galeria Municipal
de Artes visa criar cunsos para
que muitas pessoas com capacidade artistícas desenvolvam
suas potencialidades criando e
expondo. Todo artista poder
expor seus trabalhos na Galeria. Quando efetuar-se uma
venda de algum trabalho, esse

dinheiro reverterá 100% para o artista. Também, a Galeria se preocupará em formar (além de artistas que frequentarão os cursos) um público capaz de aquilatar o valor artístico das obras expostas. Haverá, evidentemente, uma comissão para selecionar os trabalhos que irão ser expostos e vendidos posteriormente a critério do artista. A Galeria será mantida pela Secretaria da Educação e tem sua inauguração prevista para o dia 16 de junho próximo. SOERE AS PROXIMAS PRO-MOÇÕES DO DPTO. DE CUL-TURA DA PREFEITURA MU-

MOÇÕES DO DPTO. DE CUL-TURA DA PREFEITURA MU-NICIPAL DE BLUMENAU — Está previsto para o mes de junho uma Exposição Fotográfica Nikon; também uma apresentação ao público de um jogo chamado "PERSONNA" de invenção catarinense que foi apresentado inclusive no Fantástico Show da Vida, pela Rede Globo de Televisão; pretendemos convidar o autor atarinense Aldo Shmitz para autografar o seu livro "MININUS". Também apresentaremos trabalhos de Sergei Mikhailovitoch Eisentein cineasta russo de renome internacional

SOBRE A TUA VIDA ARTISTI-CA — Em junho terei uma Exposição individual no Rio de Janeiro com o patrocínio da Aliança Francesa.

SOBRE A ULTIMA MANIFES-TAÇÃO ARTISTICA ECLODIDA EM BLUMENAU, ENVOLVEN-DO POETAS E CURIOSOS —



A manifestação foi válida, mas não o teor da manifestação. Valeu mais pela polêmica. Solidificou o fato de que as pessoas tem um lugar para discutir e conversar... Calçadão.

SOBRE O MOVIMENTO DE-NOMINADO DE CATEQUESE POÉTICA — A comunicação visual e direta está cansando. Agora surgiu a oportunidade do relançamento de Catequese.

ALGUMAS PALAVRAS PARA
A COMUNIDADE — O Dpto.
de Cultura da Prefeitura está
aberto e procurará atender a
todos dentro da medida do
possível. É só.

GUIDO HEUR

1 260 KHZ. Amplitude Modulada

UMA NOVA ERA DE COMUNICAÇÃO.

Ed. Catarinense — BLUMENAU

CURSO DE ORATÓRIA E RELAÇÕES HUMANAS

"O orador nervoso foi apresentado logo depois do jantar. Aproximou-se do microfone e disse, hesitante: — Meus am-m-igos, quando cheg-g-uei aqui hoje à à à noite

só só só Deus e eu sabíamos o que eu ia dizer.

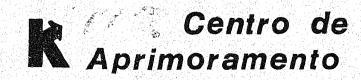
Agora — só Deus sabe".



MATERIAL DIDÁTICO

Você ganhará para fazer este curso todo material didático como:

- Fitas gravadas com "as dicas" das sessões.
- Textos resumo das palestras.
- Caderno para anotações.
- Prêmios especiais para os melhores oradores em cada sessão
- Certificado de conclusão do curso.
- Almoço ou jantar de confraternização.



IIIº FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO

Foi eleita e já empossada a nova diretoria que irá organizar o IIIº Festival Universitário da Canção.

Presidente - Oldemar Olsen Jr.

Secretário-geral — Carlos A. Ramos Schmidt e Fred Richter Secretário-executivo — José Luiz D. de Souza e Francisco Campigoto.

Secretaria de finanças — Carlos Jardim e Emílio Schramm. Secretaria de Cerimonial e Premiação — Jean G.A. Vignais Divulgação — Angelo Augusto Alves — Nilton Jung e Denis Locatelli.

Secretaria de inscrição e recepção — Ananias V. Filho Secretaria de Segurança — A cargo de Universitários da FURB.

Secretaria de Saúde — Dr. Ernani da Silva Secretaria de Técnicas e Trabalho — Paulo Roberto dos Santos.

Conselheiros — Dr. Roberto Diniz Saut Sílvio Borges de Jesus

Relações Públicas — Alexandre Arthur Hackbarth Neto Serviços especiais — Marilú Ribas e Leila Wirths

Nas primeiras reuniões foram tomadas as seguintes resoluções. O Festival será realizado nos dias 8, 9 e 10 de tetembro. O Congresso de Ābertura será no dia 6 de setembro. O preço dos ingressos será de Cr\$ 10,00 e 15,00 nas duas primeiras noites e na finalíssima Cr\$ 15,00 e 20,00. Cada participante terá direito a inscrever um máximo de 5 músicas. Cada música inscrita pagará a taxa simbólica de Cr\$ 30,00. O prazo máximo para as inscrições será o dia 15 de agosto. As músicas deverão vir em fita cassete (podendo ter mais de uma composição em uma só fita). A letra da música deverá vir em cinco cópias com o nome dos intérpretes. Para maiores informações queiram escrever para a caixa postal 1124 a cargo do jornal O ACADÊMICO ou da Comissão executiva do IIIº FUC.

bolsas de estudo

A Divisão de Assistência ao Estudante, nos moldes do Crédito Educativo, põe a disposição dos alunos 25 bolsas de estudo. Estas bolsas são financiadas pela Associação dos Amigos da FURB. A triagem dos elementos é feita pela Assistente social Rosilene Rambo segundo o maior grau de carência do requisitante... E falando em Assistente Social, a mesma aguarda ansiosa sua instalação em uma sede própria para um atendimento adequado e necessário aos acadêmicos.

.. Toda vez que entram dois alunos, (o diretor tem que sair) para dar lugar aos mesmos... E' só para ilustrar a matéria.

IVº ENCONTRO DE AUTORES CATARINENSES

Será realizado em Itajaí (SC) o IVº Encontro de Autores Catarinenses. O evento é promovido pela Associação de Escritores Catarinenses e conta com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Itajaí.

Colaborando para o sucesso do acontecimento, encontram-se a Editora e Livraria Lunardelli, UFSC, FURB, FURJ, Secretaria da Educação e Conselho Estadual de Cultura.

Serão discutidos durante os dois dias do encontro os seguintes assuntos de interesse da classe:

- Edição de livros.
- Direitos autorais.
- Aspectos da literatura catarinense.
- Divulgação e análise.
- Assembléia da Associação Catarinense de Escritores.
- Eleição da nova Diretoria.
- Fixação de metas.

Os autores catarinenses (jornalistas, escritores, poetas, cronistas, professores de literatura, elementos que mantém atividades regulares na imprensa, editando ou colaborando) podem filiar-se a ACE (Associação Catarinense de Escritores) que conta atualmente com 167 associados regularmente inscritos.

No princípio a ACE não mantinha intenção de pronover edições de livros de ninguém, todavia, com esse IVO Encontro, esperamos que essa pretensão seja revogada. Do contrário, para que manter uma instituição que reune-se petiodicamente duas vezes por ano para declamar poesias e comer salgadinhos sob o gentil patrocínio da Pepsi-Cola ou da Coca-Cola (é porque a briga está feia)...

Fala-se mal, critica-se, comenta-se mas, no dia marcado, estão todos lá (ou quase todos) la dialogando e comentando o último lançamento de cada um... Na primeira COBRANÇA de anuidades (também, adiada e censurada) sabem quantos autores pagaram a insignificância de 200,00 (duzentos cruzeiros) por semestre? Cinco, apenas cinco... Então, ilustres literatos alguma coisa tem que acontecer nesse IVº Encontro de Autores Catarinenses.

Mini Mercado Fiambreria Globo

Brasil) — Fone: 22—5036

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO



Centro Cópias Ltda.

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS — XEROX — PLASTIFICAÇÕES DE DOCUMENTOS EM GERAL.

Rua Floriano Peixoto, 89. Loja 3 — Fone: 22—3215 — BLUMENAU — SANTA CATARINA

AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINAIS.



Recomendados

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL — De Luís Henrique Dias Tavares.

E' o estudo de episódios capitais de nossa vida historica vistos de uma perspectiva eminentemente crítica e brasileira.

Valendo-se de documentos inéditos — aqui e agora trazidos a luz — LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES nos dá páginas interpretativas de amplitude nacional pela eminência do assunto e pela precisão da análise.

Cr\$ 18,00 — Este preço só se tornou possivel devido à participação do Instituto Nacional do Livro/MEC que, em regime de co-edição, permitiu o aumento da tiragem e consequente redução do custo industrial.

MAIS UM LANÇAMENTO DA EDITORA CIVILIZAÇÃO BRA-SILEIRA.

O BRASIL E A CRISE INTERNACIONAL (1930—1945)
— Stanley E. Hilton.

Professor de história na Louisiania State University, Stanley Hilton é também um destacado Brazilianist (estudioso de temas brasileiros), apaixonados por nossa terra e nossos problemas. Seu grande interesse e conhecimento de nossa história contemporânea levaram-no a reunir em O BRASIL E A CRISE INTERNACIONAL (1930—1945) cinco monografias, baseadas na maior parte em fontes até então inéditas o que se constitue em estudos pioneiros, com palpitantes revelações sobre nossa história mais recente.

- 1 Ação Integralista Brasileira: o fascismo no Brasil;
- 2 A influência militar na política econômica brasileira: uma reavaliação;
- 3 Vargas e o desenvolvimento econômico brasileiro uma reavaliação de sua posição sobre industrialização e planejamento;
- 4 Roosevelt e a guerra européia: ilusão ou realpolitik? e
- 5 Washington, Rio de Janeiro e a proposta argentina de não-beligerância.

BRASILEIRA.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. Rua Muniz Earreto; 91 — 93 Rio de Janeiro — RJ.

ESTUDOS DE HISTÓRIA CONTEMPORANEA — A.J. TOYNBEE

Embora os ensaios reunidos neste volume tenham sido escritos em diferentes épocas — alguns há vinte anos passados, mas a maioria nos últimos quinze meses — o livro apresenta, na opinião do autor, uma unidade de perspectiva, de propósito e de idéias que ele espera seja sentida pelos leitores. A unidade de perspectiva se apoia no ponto de rista de um historiador que contempla o Universo e tudo quando nele se contém - corpos e almas, experiências e acontecimentos — em constante movimento através do tempo e do espaço. O propósito comum desta série de capítulos é de conseguir esclarecer um pouco o sentido profundo desse misterioso espetáculo. A idéia predominante é a idéia bem conhecida, segundo o qual o Universo se torna tanto mais inteligível quanto mais formos capazes de concebê-lo como um todo. Esta idéia tem consequências práticas para o método histórico.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo — 2, — SP.

PROPAGANDA — Uma força a serviço de empresa — ROBERT LEDUG

O ensino da propaganda vem assumindo proporções cada vez maiores, entre nós. Paulo Arthur Nascimento, presidente da P.A. Nascimento Propaganda, recentemente comentou que a propaganda parece ter virado "moda" entre os jovens. E acrescentou: "Não é possível negar que o público hoje "consome" propaganda, como se esta fosse, em si, produto de consumo. Na maioria das vezes, o leitor ou teles pectador não consome o produto anunciado, mas analisa a mensagem publicitária, co-

menta-a e lhe dá uma nova dimensão, transformando a propaganda em coisa incorporada ao dia-a-dia e atraindo a juventude para a profissão".

O fato é que a juventude está aí querendo aprender. O que veio tornar ainda mais aguda uma deficiência sempre notada por aqueles que estão no ramo; a falta de textos especializados, em português.

Por isso a Ed Atlas foi buscar este livro de Robert Leduc, estudioso no assunto e vice-presidente de uma das mais importantes agências francesas.

Não é um livro para profissionais, mas o estudante de propaganda certamente encontrará aqui muita informação útil. Leduc é a visão do lado europeu da propaganda. Se é melhor ou pior que o ângulo norte-americano, isso evidentemente é outro assunto.

LIVRARIA ACADÉMICA

Rua XV de Novembro, 340 — 2º Andar, Conj. 201 Edifício Londrina —

BLUMENAU — SANTA CATARINA

O CACHORRINHO SAMBA NA FLORESTA Maria Josó Dupre 112 páginas Cr\$ 20,00

Outro lançamento da Ática de sucesso garantido entre o público infantil. A reedição dos livros infantis de Maria José Dupre revela, mais uma vez, a sensibilidade editorial e o conhecimento do mercado desta Editora. Reunidos sob o nome de COLEÇÃO CACHORRINHO SAMBA, já foram publicados O CACHORRINHO SAMBA, A MONTANHA ENCANTADA E A MINA DE OURO. Todos com excelentes tratamento gráfico, onde se destacam as ilustrações coloridas de Adelfo M. Suzuki, que recriam visualmente e valorizam a magia do texto.

Desta vez é O CACHORRINHO SAMBA NA FLORES-TA. Sempre com as mesmas caracteristicas que encantam o exigente leitor infantil: muita aventura, muita fantasia, muita cor; linguagem simples clara e envolvente; tema, costumes e ambientação bem brasileiros. E sempre com o mesmo objetivo: despertar na criança o gosto pela leitura.

Logo em seguida será publicado O CACHORRINHO

SAMBA NA FAZENDA, encerrando a COLEÇÃO CACHORRI-NHO SAMBA. abril/77

O CACHORRINHO SAMBA NA FAZENDA Maria José Dupré 80 páginas Cr\$ 20,00

Este lancamento encerra a vitoriosa COLEÇÃO CA-CHORRINHO SAMBA, de Maria José Dupré. Anteriormente foram publicados O CACHORRINHO SAMBA, A MONTANHA ENCANTADA, A MINA DE OURO e O CACHORRINHO SAMBA NA FLORESTA.

Esta coleção caracteriza-se por um excelente tratamento gráfico, com expressivas ilustrações coloridas de Adelfo M. Suzuki, que valorizam a história, recriando visualmente cenas que estimulam a imaginação infantil.

O CACHORRINHO SAMBA NA FAZENDA, bem como todos os livros da coleção, tem por objetivo despertar na criança o gosto pela leitura. Daí a trama cheia de aventuras, muita cor, linguagem ao nível infantil, e — outra preocupação da coleção — tema, costumes e ambientação essencialmente brasileiros.

abril/77

EDITORA ÁTICA

RUA BARAO DE IGUAPE, 110 CAIXA POSTAL, 8656 — SÃO PAULO

Educação Ensino e Aprendizado de Química

PROF. J. J. PULS

Sempre entendemos que deve haver fraternos contatos entre a geração jovem e aquela que já ultrapassou o meridiano. Agora, que, após quatro décadas de quase ininterrupto exercício do magistério (particularmente na área das ciências exatas), iá nos encontramos "'fora da logada", isto é, aposentado, mas não jogado às traças, é chegado o grande mo mento de colaborar com a dinâmica juventude estudantil. Esta colaboração, segundo a nossa opinião, deve residir. narticularmente, no relato de experiências colhidas ao longo dos anos de atividades profissionais.

Por estas e outras razões achamos oportuno falar, nesta oportunidade, do ensino e aprendizado da Química, a "Ciencia de Lavoisier".

Fundamentalmente a Quimica pode ser definida como sendo "a Ciência das Substâncias". Daí com toda facilidade se deduz que somente pode alguém dizer que sabe al· go de Química quando conhece pelo menos razoável número de substâncias.

Achamos que, a nivel de segundo grau, o ensino da Química deve ser desenvolvido segundo o seguinte esquema: 1) introdução geral; 2) estudo dos elementos situados à direita da Classificação Periódica, partindo do hidrogênio e seguido do oxigênio (incluindo o ozônio), a água (com a água oxigenada), os halogênios (e seus compostos), o enxôfre (e seus compostos), o nitrogênio ,o fósforo, o arsênio e o antimônio (e os compostos destes quatro), o silício (e seus compostos) e o carbono (e seus compostos inorgânicos).

Tendo-se chegado ao estudo do carbono, deve terminar o primeiro período. Todo o segundo período (ou ano) é preciso dedicar ao estudo da Química Orgânica, campo dos mais importantes e o mais vasto da "Ciência das Substâncias".

Quanto ao desenvolvimento da Química Orgânica, é preciso apresentar, igualmente, uma introdução seguida da Análise Funcional; depois vem o estudo de cada

função "per si", incluindo o abordamento dos compostos mais representativos de cada uma delas.

O terceiro período convém dividir em duas partes: 1) estudo dos elementos localizados à esquerda da Classificação Periódica, isto é, os alcalinos (lítio, sódio e potássio), o cobre e à prata, o magnésio, os alcalino-ferrosos (cálcio, estrôncio e bário), o zinco, o cádmio, o mercúrio, o boro, alumínio, o estanho, o chumbo, o cromo, o manganês, o ferro, o cobalto, o niquel e a platina. Em todos estes casos deve ser incluído o estudo dos respectivos compostos. E, 2) Físico-Química e Atomística, assim como diversos assuntos adicionais, como, por exemplo, a teoria dos compostos metálicos complexos.

O estudo particular de cada um dos elementos relacionados, assim como o dos respectivos compostos deve abranger: a) dados gerais, quais sejam símbolo (ou fórmula), número atômico, valência, massa atômica (ou molecular). etc.; b) ocorrência na natureza, se houver; c) processos de obtenção; d) propriedades físicas e químicas; e) usos; e f) reações de reconhecimento (características).

Toda vez que possível, devem ser feitas demonstrações práticas sendo, em muitos casos suficiente mostrar a substância. Para tanto, evidentemente, deve haver recursos. quais sejam, uma coleção de substâncias, a mais sortida possível; vidraria e outros materiais; pelo menos duas salas, sendo uma para a guarda das substâncias, devidamente organizadas (catalogadas), e das vidrarias e outros materiais; e outra como sala de aula, dotada de mesa e outros equipamentos. Nunca os ambientes destinados ao estudo da Química devem ser "museus", em mistura com aparelhos de Física e materiais destinados à Biologia, Zoologia, Botânica, etc.

Um professor hábil, contando com recursos materiais (no mínimo os que citamos), de espírito dinâmico e imaginativo poderá causar, junto a grande maioria dos seus alunos, um interêsse realmente digno de nota. O aprendizado, principalmente pela sublinhação das exposições teóricas por demonstrações práticas (sem sensacionalismo!), trará, sem dúvida alguma, a construção de uma infraestrutura de conhecimentos fundamentais suficientes para a perfeita compreensão da maravilhosa Química e esta, como sabido, "comanda o mundo"!

Oportunamente, se possível, voltaremos ao assunto.

Ecologia

...e VENHA A NÓZ A VOSSA POLUIÇÃO. Amém.

De muita nobreza de intensões são as rezas do Estuto da Associação Catarinense de Defesa da Flora e Fauna (ACAPRENA) quando, não visando fins lucrativos tem por objetivos a promoção à defesa da flora e da fauna bem como do patrimônio paisagístico contra a sua destruição insensata; o incentivo à criação de Reservas Naturais no estado, colaborando na medida do possível, na sua implantação, editar ou subvencionar publicações e revistas sobre assuntos zooló. gicos e botânicos em geral e conservacionistas em particular. e realizar, incentivar ou custear pesquisas sobre plantas e aniraais do Estado.

Mas grande osso e duro de roer, eis que surge em seu horizonte idealístico a DOW CHEMICAL S. A. de Itajaí. Segundo o atual presidente da Associação o prof. Natal Longo, estaria esta emitindo oficio a multinacional instalada em Itajai, solicitando informações sobre a fabricação, armazenamento e manipulação da "dioxina"; mais, um outro oficio à Prefeitura de Itajaí para informações esclarecedoras e oticiais soore a multi.

A "dioxina" entra na composição de um herbicida semelhante ao agente laranja usado pelos americanos na guerra do Vietnã como desfolhante. E esse herbicida nos é vendido sob o nome TORDON. E é claro que os efeitos maléficos vão se apresentar sob a forma de mutações genéticas tendo

como consequencia crianças defeituosas.

toridades e irresponsabilidade inconsequente dos fabricantes. é o caso de Seweso na Itália, onde o produto era fabricado clandestinamente por uma empresa suica.

Por isso é urgente e necessário o nosso alerta para esse tipo de abuso perante a população menos informada, devido a repressões à certas informações mais esclarecedo. ras encobertadas por grandes somas monetárias e prestigiosas politicagens.

E se a apelação é estrangeira, temos também um exemplo brasileiro; como é o caso de vazamento do cloro ocorrido nas instalações da Companhia Química do Recôncavo (CQR) na Bahia, que, "no início de agosto, intoxicou quaso 2000 habitantes de Salvador, atingindo sobretudo a rável e populosa Favela dos Alagados - e isso por deficiências na investigação ou falta se interesse na apuração da verdade".

E inclusive no rôlo da (CQR) entra a DOW CHEMI-CAL S. A. com sua produção de cloro, soda cáustica e derivados que tendo seu campo afetado pela empresa nacional lá no Recôncavo, veio chutada aqui prás Gardens catarinenses envenar o ambiente.

Que votos se façam e os enganos se desfaçam em prol e para o bem do populacho alienado.

Um exemplo frágico desse tipo de descuido de au-